

FAMÍLIA: SENTIDOS E MEMORÁVEIS EM UM LIVRO DIDÁTICO

Byron de Castro Muniz Teixeira

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia

Sabrina Santos Barros

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia

Maria Alice Santos Ferraz

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia

Adilson Ventura da Silva

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia

Resumo: Este artigo tem como objetivo discutir e analisar os sentidos da palavra Família em enunciados presentes na Crônica “A foto”, de Luís Fernando Veríssimo, e nos respectivos exercícios do recorte, presentes no livro didático Português Linguagens – (2014) de William Cereja e Thereza Cochar. A nossa análise se dará no campo teórico da Semântica do Acontecimento, proposta por Guimarães (2002; 2018), a qual entende que os sentidos são constituídos no acontecimento do dizer, observando como se dá às relações no espaço da enunciação, que é um espaço político que instala o conflito no centro do dizer, constituído pelos locutores e pela língua, levando em consideração a temporalidade própria relação da língua com a língua tomada da sua historicidade. Assim, para as análises, mobilizamos os procedimentos enunciativos apresentados pelo autor, reescrituração e articulação, além do Domínio Semântico de Determinação (DSD). Pelos DSDs apresentados, percebe-se que a família está numa situação comum, em que os membros estão em festa e resolvem tirar uma fotografia com todos os membros da família. Entretanto, não se chega a um consenso; há uma proposta para que cada genro vá se revezando para tirar a foto e, portanto, há uma exclusão daqueles que não possuem laços consanguíneos. As discussões permanecem até ocorrer a atitude inesperada do biso, demonstrando que a família ao invés de se importar com laços de sangue, deveria ser unida e preservar os laços de afeto.

Palavras-chave: Família. Livro didático. Semântica do Acontecimento.

Abstract: This article have to discuss and analyze the meanings of the word Family in statements present in the Chronicle “A foto”, by Luís Fernando Veríssimo, and in the respective clipping exercises, present in the “textbook Portuguese Linguagens” - (2014) by William Cereja and Thereza Scratch. Our analysis will take place in the theoretical field of the Semantics Event, proposed by Guimarães (2002; 2018), which understands that the senses are constituted in the event of saying, observing how relationships occur in the space of enunciation, which is a space political that installs the conflict in the center of the saying, constituted by the announcers and by the language, taking into account a memorable that is cut from the relation of the language with the language. Thus, for the analysis, we mobilized the enunciative procedures presented by the author, rewriting and articulation, in addition to the Semantic Domain of Determination (DSD).

Keywords: Family; Textbook; Semantic Event.

1. Introdução

O livro didático é um dos principais instrumentos utilizados para mediar a relação ensino-aprendizagem nas escolas brasileiras, desta forma, como seu próprio nome sugere, esse material dispõe de atividades e recursos didáticos que conduzem a atividade pedagógica do professor e, por isso, para o trabalho docente-discente, o que o torna de grande interesse para análises científicas.

Nessa direção, portanto, este artigo propõe-se a analisar os sentidos da palavra *família* nos textos presentes em um capítulo do livro didático Português Linguagens – (2014) de William Cereja e Thereza Cochar. A relevância dessa análise consiste, inicialmente, por apresentar, como seu objeto de estudo, um material que é garantido por diversos dispositivos legais e constitui influência direta na formação dos cidadãos brasileiros e, em segundo plano, por apresentar uma análise dos sentidos não-transparentes de uma palavra que merece ainda mais destaque na atualidade.

A trajetória desta pesquisa fundamenta-se a partir de uma semântica com base histórico-enunciativa: a Semântica do Acontecimento, a qual foi proposta por Eduardo Guimarães (2002, 2007, 2009, 2018) e considera a constituição dos sentidos no acontecimento do dizer, entendendo-os como não-fixos. Nesse escopo teórico, a enunciação consiste em uma relação sujeito/língua, assim, a partir dessa teoria e dos seus procedimentos metodológicos enunciativos: reescritura e articulação, constrói-se o DSD (*domínio semântico de determinação*) para apresentar as relações de significação no espaço de enunciação, nesse caso: o livro didático.

Os procedimentos de agenciamento enunciativo são responsáveis pela construção do sentido de um texto, pois são através deles que compreendemos como se dá determinados agenciamentos enunciativos e quais possíveis interpretações podemos ter, quando analisamos um texto ou um discurso. Logo, para essa teoria, a enunciação consiste na relação do sujeito com a língua, e se dá por meio de uma prática política, isto é, instaura conflitos no cerne do dizer, conforme Guimarães (2005) “Enunciar é uma prática política, é a compreensão de que o sentido se constitui historicamente, e que é no acontecimento que se dá a relação do sujeito com a língua” (p. 48). À vista disso, é a partir dos conceitos mobilizados pela Semântica do

Acontecimento que serão representadas graficamente as relações que constituem sentidos da palavra *família* no capítulo 3, juntamente com os exercícios que as acompanham.

2. A Semântica do Acontecimento

Tendo como base a perspectiva linguística da semântica, a Semântica do Acontecimento (SA), proposta por Eduardo Guimarães, define que os sentidos são constituídos na enunciação. Assim, considerando que a língua é colocada em funcionamento à medida que enunciamos, “a análise do sentido da linguagem deve localizar-se no estudo da enunciação, do acontecimento do dizer.” (GUIMARÃES, 2002, p. 7).

Podemos, então, observar em Guimarães (2002), que a linguagem fala de algo e o objetivo da Semântica do Acontecimento é tomar como lugar de observação a construção do sentido do enunciado. Para o autor, o enunciado ocorre no momento da enunciação, isto é, no momento em que há a relação do sujeito com a língua. Logo, a enunciação é tomada “enquanto acontecimento de linguagem e se faz no acontecimento da língua” (GUIMARÃES, 2002, p. 8). Os sentidos não são formados porque são referência de algo, são decorrência de uma ação enunciativa (GUIMARÃES, 2002, p. 9).

A enunciação não ocorre no tempo cronológico, porque possui sua própria temporalidade e funciona a partir do acontecimento do dizer. Para GUIMARÃES, (2002, p. 70), a enunciação é, [...] um acontecimento de linguagem perpassado pelo interdiscurso, que se dá como espaço de memória do acontecimento. É um acontecimento que se dá porque a língua funciona ao ser afetada pelo interdiscurso. É, portanto, quando o indivíduo se vê interpelado como sujeito e se vê como identidade que a língua se põe em funcionamento. A linguagem acontece no espaço da enunciação, que é o espaço de relações de línguas no qual elas funcionam na sua relação com falantes. Para GUIMARÃES (2010), além da língua e do sujeito, existe o real, que para ele é, “a que o dizer se expõe ao falar dele”, e a temporalidade. Nessa proposta, permite-se compreender que não é o sujeito que temporaliza, é o acontecimento que instala sua própria temporalidade.

Para o semanticista (2002, p. 14), [...] é um acontecimento que temporaliza: uma temporalidade em que o passado não é um antes, mas um memorável recortado pelo próprio acontecimento que tem também o futuro como uma latência de futuro. O sujeito não fala no presente, no tempo, embora o locutor o represente assim, pois só é sujeito enquanto afetado pelo interdiscurso, memória de sentidos, estruturada pelo esquecimento, que faz a língua

funcionar. Falar é estar nessa memória, portanto, não é estar no tempo (dimensão empírica). (GUIMARÃES, 2002, p. 14).

Assim, é por isso que o que é dito no presente só significa porque o acontecimento rememora um passado e projeta uma futuridade, isto é, abrem-se novas interpretações. Para GUIMARÃES (2018, p. 38) o acontecimento é sempre uma nova temporalização, um novo espaço de convívio de tempos, sem o qual não há sentido, não há acontecimento de linguagem, não há uma enunciação.

O acontecimento se dá a partir da relação do sujeito com a língua, enquanto uma prática política no sentido de que, para Guimarães (2002, p. 16), o político “é caracterizado pela contradição de uma normatividade que estabelece (desigualmente) uma divisão do real e a afirmação de pertencimento dos que não estão incluídos”. Para ele, o político é um conflito a partir da divisão normativa e desigual do real, onde os desiguais afirmam seu pertencimento e nos permite dizer que o político afeta e divide materialmente a linguagem por uma contradição que instala um conflito de sentidos no centro de dizer.

Para Guimarães, é esse espaço de enunciação que torna a língua uma prática política, pois falar é assumir a palavra nesse espaço dividido entre línguas e falantes. Para Guimarães (2002, p. 22), “enunciar é estar na língua em funcionamento. E a língua não funciona no tempo, mas nas relações semiológicas que tem”. Segundo o autor, o uso da palavra ocorre em cenas enunciativas, que são caracterizadas pelos modos específicos de acesso a ela (palavra), dadas as relações entre as figuras de enunciação e as formas linguísticas.

Portanto, as cenas enunciativas se constituem como um espaço de distribuição de lugares no espaço da enunciação, tais como: “aquele que fala” (alocutor) e “para quem se fala” (alocutário), isto porque os falantes não são donos do seu dizer. Segundo Guimarães (2002, p. 23) “a divisão de lugares se faz pela temporalização própria do acontecimento. Neste sentido a temporalidade específica do acontecimento é fundamento da cena enunciativa.

Ademais, o autor ainda caracteriza ao que ele chama de “lugares de dizer”. Lugares estes ocupados pelo que ele chamou de enunciadores, como, “o enunciador individual, quando a enunciação representa o Locutor como independente da história; enunciador-genérico, quando a enunciação representa o Locutor como difuso num todos em que o indivíduo fala como e com outros indivíduos; enunciador-universal, quando a enunciação representa o Locutor como fora da história e submetido ao regime do verdadeiro e do falso.” (GUIMARÃES, 2002, p. 26).

2.1 Procedimentos Enunciativos da Semântica do Acontecimento

A fim de analisar a constituição dos sentidos na enunciação, tendo como princípio a SA, faz-se necessário considerarmos as relações entre um elemento linguístico em um determinado enunciado. A teoria traz dois procedimentos enunciativos, articulação e reescrituração, por meio dos quais observaremos os sentidos da palavra Família na materialidade analisada.

A articulação é definida por Guimarães (2009) como sendo “o procedimento pelo qual se estabelecem relações semânticas em virtude do modo como os elementos linguísticos, pelo agenciamento enunciativo, significam sua contiguidade.” (GUIMARÃES, 2009, p. 51). Ou seja, é o vínculo que o termo tem com outros termos circundantes no enunciado. O autor considera que esse procedimento pode se dar de três modos distintos: por dependência, por coordenação e por incidência.

A reescrituração, por sua vez, consiste no procedimento enunciativo através do qual se diz o que já foi dito, podendo variar sua significação à medida que é redito. Para Guimarães, se evidencia quando “uma expressão linguística reporta-se a uma outra por algum procedimento que as relaciona no texto integrado pelos enunciados em que ambas estão.” (GUIMARÃES, 2009, p. 53). A reescrituração também pode se dar de cinco formas, quais sejam: repetição, substituição, elipse, expansão e condensação.

Esses procedimentos formam a configuração do Domínio Semântico de Determinação (DSD), que corresponde à relação que uma determinada palavra possui com outras em um determinado texto, ou seja, serve para representar o sentido das palavras em determinado acontecimento, “(...) é a representação, a escrita da semântica para a designação do nome.” (GUIMARÃES, 2014, p. 62).

3. Análises

Neste artigo, foram analisados os sentidos de Família na crônica “A foto”. A apresentação da referida análise demonstrará as relações de linguagem e constituição de sentidos de Família, além dos memoráveis destacados na enunciação apresentada nas páginas 58, 59, 60 e 61 do livro didático Português Linguagens – (2014) de William Cereja e Thereza Cochar.

Recorte 1. Foi numa festa de família, dessas de fim de ano. Já que o bisavô estava morre não morre, decidiram tirar uma fotografia de toda família reunida. A bisa e o biso

sentados, filhos, filhas, noras, genros e netos em volta, bisnetos à frente, esparramados pelo chão.

Há uma reescritura de família por enumeração em “bisa”, “biso”, “filhos”, “filhas”, “noras”, “genros”, “netos” e “bisnetos”, isto porque todas essas pessoas somam o ideal da família tradicional brasileira, pois fazem parte dessa entidade familiar apontada no texto e correspondem àqueles que fazem parte dessa família.

Há, também, uma articulação de “festa” e “de fim de ano”. Observa-se nessa análise que a família do texto se reúne no final do ano numa festa para tornar a família mais coesa, mais unida. Ademais, há uma reescritura da palavra família na articulação entre “toda”, “reunida”. Nesse enunciado, observamos que, na festa de fim de ano, todos os membros da família estão reunidos ao redor dos mais velhos, que representam o poder, o respeito e a veneração dos demais e a festa serve para tirar fotografia para que todos vejam, posteriormente, a perpetuação da família.

Ainda nesse mesmo recorte a crônica apresenta o seguinte trecho: “A bisa e o biso sentados, filhos, filhas, noras, genros e netos em volta, bisnetos à frente, esparramados pelo chão”, esse enunciado, portanto, recorta o memorável de família “patriarcal”. Todos ao redor dos mais velhos, que recebem toda a reverência dos demais. A bisa e o biso estão sentados por serem os mais velhos e que representam a própria família; em seguida, os filhos, filhas, noras, genros e netos em volta, ou seja, são os mais próximos na hierarquia patriarcal familiar e, finalmente, os bisnetos, últimos na hierarquia, pois para eles não existe um lugar específico, ficando em um lugar qualquer, no chão.

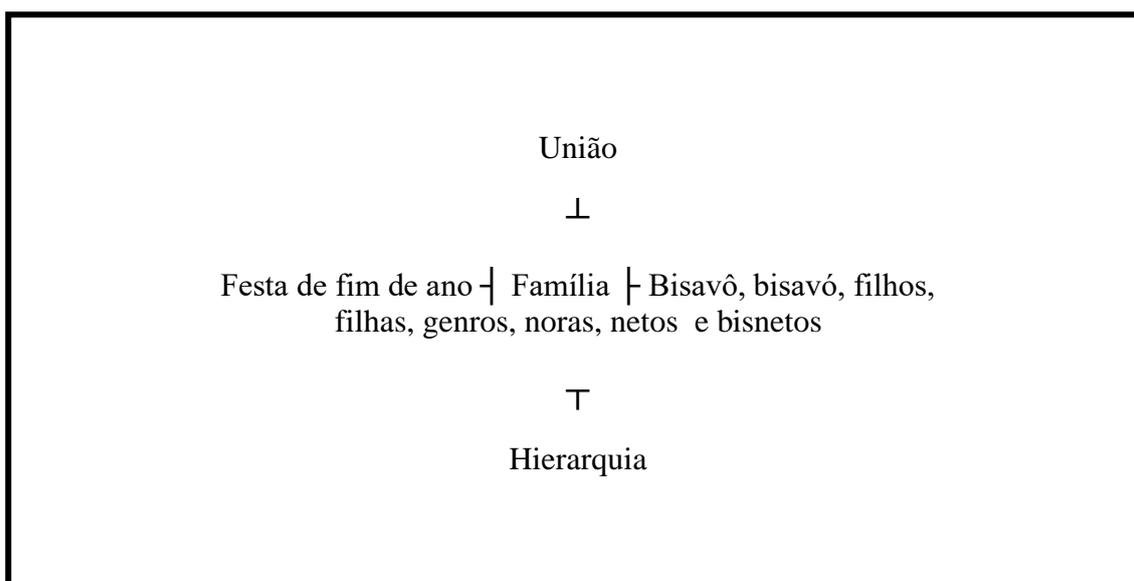
Há no recorte o memorável da chamada família patriarcal, proveniente do Brasil Colonial, em que membros de um mesmo grupo, denominados parentes, se juntavam para festas, batizados, casamentos geralmente em engenhos ou fazendas, no interior ou no litoral. Havia a autoridade patriarcal, a quem todos deviam obediência e a família se reunia em torno de um chefe, pai, senhor, forte e temido. Assim, os mais velhos representam aquele pai, senhor, que no passado possuía o poder paterno ou patriarcal, oriundo dessa modalidade de família construída e instituída no Brasil.

Da análise observada, percebemos uma construção de sentidos em que as festas familiares nascem da vontade de demonstrar a união de todos os membros dessa família. Os mais velhos são obedecidos e os demais estão ao redor dos membros, de conformidade com a hierarquia familiar e esta hierarquia é estabelecida dos mais velhos para os mais novos, onde se vê “os bisnetos à frente, esparramados pelo chão”.

Essa interpretação oferece uma construção de sentidos de que os bisavós representam o ápice, culminância ou parte mais importante da família, por serem os mais velhos e os demais a eles estão ligados. Enquanto os bisavós representam essa condição de estar acima de todos, em seguida vem os demais, de acordo com sua condição na família. Assim, os descendentes mais próximos (filhos, filhas, genros, noras e netos) ficam ao lado, enquanto os bisnetos ficam espalhados pelo chão. Essa composição, desse modo, apresenta a hierarquia dessa família.

Levando em conta, tais interpretações, temos o seguinte DSD para o enunciado

Quadro 1: DSD de festa de fim de ano e família reunida



No enunciado, observamos que a família tinha o hábito de se reunir em festa de fim de ano e era formado pelo bisavô, bisavó, filhos, filhas, genros, noras, netos e bisnetos. Assim, “festa de fim de ano” determina “família”, que por sua vez é reescriturada por “bisavô, bisavó, filhos, filhas, genros, noras, netos e bisnetos”. Ademais, percebemos que há grupos na família de acordo com a hierarquia apontada no texto, isto é, o bisavô e a bisavó estão no

cume da importância familiar, onde todos devem respeito e consideração e, por isso, estão sentados; aliás, os únicos que estão sentados. Os “filhos, filhas, genros, noras, netos” circundam os bisavós, estando ao redor, vindo após os mais reverenciados e, finalmente os bisnetos, últimos na hierarquia, estão “esparramados pelo chão”. Assim, o enunciado analisado projeta uma futuridade resultante da relação entre os memoráveis no acontecimento, o que possibilita entendimentos diversos na formação da família.

Recorte 2. Castelo, o dono da câmara, comandou a pose, depois tirou o olho do visor e ofereceu a câmara a quem ia tirar a fotografia.

- Tira você mesmo, ué?

- Ah, é? E eu não saio na foto?

O Castelo era o genro mais velho. O primeiro genro. O que sustentava os velhos. Tinha que estar na fotografia. Mas quem ia tirar a fotografia?

Outro membro que tem destaque na crônica chama-se Castelo, o primeiro e o mais velho genro e quem dava sustentação financeira para os “bisavós”, o que se casou primeiro com uma das filhas e era o dono da câmara e, portanto, responsável pela fotografia, ou seja, não aparecerá na foto da família.

Esse recorte nos remete ao memorável de que, na família, as relações de parentesco se estabelecem de maneira “consanguínea”. O genro, a exemplo de Castelo, não é considerado da família. Somente são considerados membros da família aqueles unidos por laços consanguíneos, como filho (a), neto (a), bisneto (s), isto é, aqueles unidos por laços de afinidade são excluídos. A articulação do termo “Castelo” com “sustentava” projeta sentidos ligados à questão financeira.

Essa interpretação nos oferece uma construção de sentidos de que Castelo, mesmo sendo o primeiro, o mais velho e o dono da câmara é excluído da família por não possuir laços de sangue com os demais membros da família ali reunida. Isto é, nesse recorte observamos o funcionamento do político mobilizado pela teoria da Semântica do acontecimento – há uma divisão dos sentidos – uma vez que, Castelo é excluído por não possuir laços de família, mas é reincluído por conta da questão financeira.

Levando em conta, tais interpretações, temos o seguinte DSD para o enunciado:

Quadro 2: DSD de Castelo

Castelo
Seminário Gepráxis, Vitória da Conquista – Bahia – Brasil, v. 8, n. 10, p. 1-13, maio, 2021.

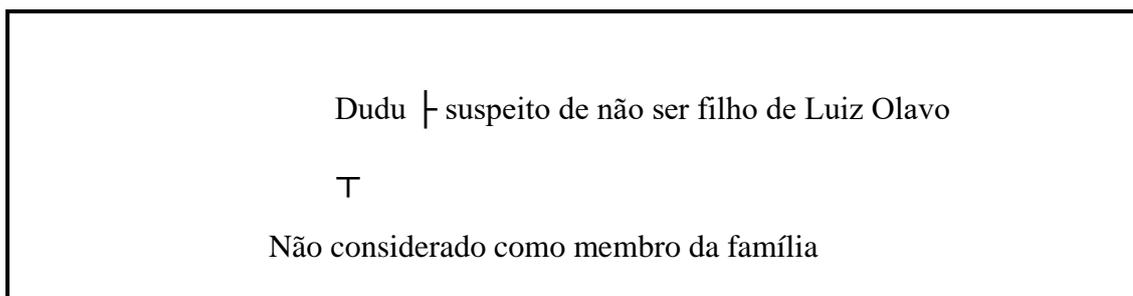
T	T	T
Dono da câmara	genro mais velho	sustentava os velhos
	T	T
	não faz parte da família	faz parte da família

Recorte 3 - O Dudu era o filho mais novo de Andradina, uma das noras, casada com Luiz Olavo. Havia a suspeita, nunca claramente anunciada, de que não fosse filho de Luiz Olavo. O Dudu se prontificou a tirar a fotografia, mas Andradina segurou o filho: - Só faltava essa, o Dudu não sair.

Ocorre uma articulação por dependência entre os termos “nunca claramente anunciada” e “suspeita”, e “de que não fosse filho de Luiz Olavo”. As relações se sustentam em razão de a família suspeitar não ser Dudu filho de Luiz Olavo, filho dos velhos. Entretanto, verifica-se que esta suspeita é às escondidas, de maneira velada.

Pela interpretação do recorte, observa-se que Dudu é visto como não sendo membro da família, pois desconfiam não ser filho de Luiz Olavo, marido de Andradina, isto é, reforçando, mais uma vez, o memorável que a família é constituída somente por pessoas com laços consanguíneos. Em outras palavras, como há esta desconfiança, Dudu passa a ser excluído da família. Sendo assim, mesmo tendo proposto tirar a fotografia, Andradina, sua mãe, não deixou que Dudu tirasse a fotografia, pois, para ela, ele era membro da família e deveria sair na foto.

Quadro 3: DSD de Dudu



O DSD nos leva a construção de sentido de que para o restante da família, que suspeitava de que Dudu não era filho de Luiz Olavo e Luiz Olavo era filho dos bisavós. Portanto, com a suspeita, Dudu poderia não ser da família. A seu turno, Andradina, mãe de Dudu e casada com Luiz Olavo, além de viver sob suspeita de traição a Luiz Olavo, era uma das noras, o que já aumenta sua condição de não pertencer à família. Assim, Dudu era, para a família, um membro sob suspeita, não fazendo parte dela.

Recorte 4 – Revezamento - sugeriu alguém. – Cada genro bate uma foto em que ele não aparecesse, e... A ideia foi sepultada em protestos. Tinha que ser toda a família reunida em volta da bisa. Foi quando o próprio bisa se ergueu, caminhou decididamente até o Castelo e arrancou a câmara de sua mão. [...] E antes que houvesse mais protestos, acionou a câmara, tirou a foto e foi dormir.

Observa-se neste recorte uma ideia de membros da família para que se faça um revezamento. Este revezamento tem o objetivo de exclusão de cada genro. Como genro não é exatamente da família porque não é parente por consanguinidade, pode ser retirado da fotografia. Assim, cada genro que tirasse a fotografia, fatalmente não estava nessa fotografia, e, portanto, só aqueles efetivamente considerados membros da família, que são os parentes consanguíneos podiam aparecer em todas as fotos.

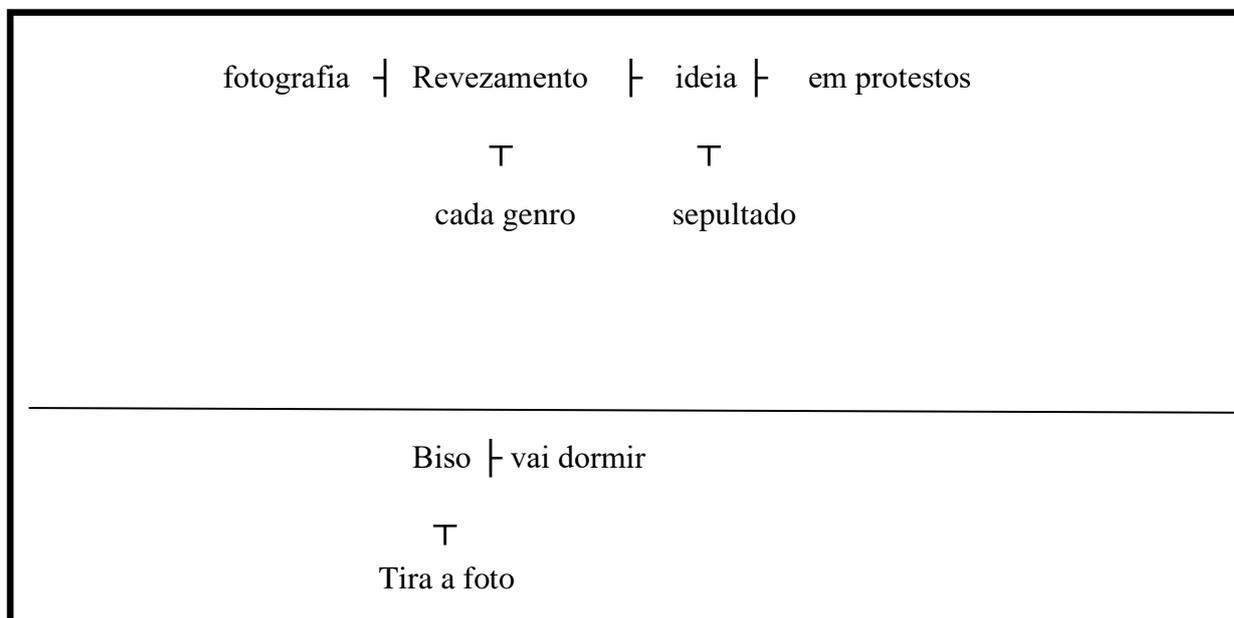
Há articulação por dependência entre o termo “cada” e “genro”, o que leva a construção de sentido de “cada genro” representa “todos os genros”. Ainda, observa-se articulação por dependência entre o termo “reunida” e “família” e “em volta da bisa”, dando a ideia de que todos os membros da família devem estar juntos e voltados para um ancestral comum, a bisa. O advérbio de modo “decididamente” revela-se a atitude firme do bisa contra toda a discussão de quem tiraria a foto.

O termo “revezamento” ressalta a exclusão dos genros nas fotos, pois em cada fotografias um genro estaria de fora. O advérbio de negação “não” sugere a não inclusão de um dos genros nas fotografias, daí a ideia do revezamento. Entretanto, o fato não surtiu o efeito desejado, pois “A ideia foi sepultada em protestos”. Esses protestos surgem porque era para toda a família, sem exclusão, estar reunida em volta da bisa.

Assim, o biso se ergue, “arrancou” a câmara de Castelo, tirou a foto e foi dormir. Observa-se uma série de ações em protesto a todas as discussões promovidas até então.

Tais interpretações nos levam ao memorável de que sempre em festas familiares existem discussões, desavenças e que a família, em tais ocasiões, pode estar reunida, mas não unida. Levando em conta, tais interpretações, temos o seguinte DSD para o enunciado:

Quadro 4: DSD do revezamento



Pelo DSD, o termo “ideia” determina, “revezamento”, pois surge a vontade daqueles que se consideram da família, por serem parentes consanguíneos para que se faça um revezamento, ou seja, que cada genro – não considerados membros da família - por não serem parentes consanguíneos, tirasse uma fotografia. Como consequência, esse genro seria excluído e, assim, sucessivamente. Ademais, “em protestos” e “sepultada determinam “ideia”, vez que tão opinião não deveria ser levada adiante, isto porque todos deveriam participar da fotografia e, por isso, a “ideia” foi “sepultada”, esquecida. Os termos “fotografias” e “cada genro” determinam a palavra “revezamento”. O revezamento refere-se à fotografia que deve ser tirada, havendo a alternância de “cada genro”.

Opostamente, as discussões continuam e o biso, que assistia a todo o desentendimento, não aceitando essas discussões, levanta, toma a câmara, tira a foto e vai dormir, numa atitude de protesto.

4. Considerações Finais

Os enunciados presentes na crônica do livro didático Português Linguagens – (2014) de William Cereja e Thereza Cochar, aqui considerados e analisados, demonstram o fortalecimento da cristalização do conceito tradicional de estruturação familiar. Os DSDs nos apresentaram um conceito único, isto é, o capítulo analisado veicula somente um só modelo para família, nesse sentido, ao considerarmos que o recorte em questão exclui outros modelos familiares, seja por meio textual ou ilustrativo, ele acaba, também, por inibir reflexões críticas tanto por parte do professor quanto do alunado.

Assim sendo, faz-se importante lembrar a relevância da discussão sobre as representações das famílias, principalmente no âmbito escolar, para que se possa evitar o reforço a preconceitos e discriminações, do mesmo modo, a pertinência desta pesquisa por levantar questões a respeito de um dos instrumentos mais utilizado pelos professores brasileiros: o livro didático.

Em suma, a família apresentada é uma família comum que se reúne para sessões de fotografia, mas que exclui membros do grupo, em razão de apresentarem laços consanguíneos. As discussões são sucessivas para situarem aquele(s) que deveria(m) tirar a fotografia, quando, inesperadamente, o bisavô toma a máquina, tira a foto e vai dormir.

5. Referências Bibliográficas

GUIMARÃES, E. **Semântica do acontecimento**: um estudo enunciativo da designação. Campinas-SP: Pontes, 2002.

_____. **Semântica do acontecimento**: um estudo enunciativo da designação. 2.ed. Campinas, SP: Pontes, 2005.

Livro **Português: linguagens**, 8º ano/William Roberto Cereja, Thereza Cochar Magalhães – 8. Ed. Reform, -- São Paulo: Atual, 2014.

SOBRE OS AUTORES

Sabrina Santos Barros (UESB/ GEPES/PPGLin)

Mestranda em Linguística pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB); Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB) - Brasil; Programa de Pós Graduação em Linguística (PPGLIN); Grupo de Estudos e Pesquisa em Semântica (GEPES); E-mail: 97sabinabarro@gmail.com.

Byron de Castro Muniz Teixeira (UESB/PPGLin/GEPES)

Doutorando em Linguística pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB); Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB) - Brasil; Programa de Pós Graduação em Linguística (PPGLIN); Mestre em Memória, História e Sociedade (UESB); Grupo de Estudos e Pesquisa em Semântica (GEPES); E-mail: byroncastromt@gmail.com.

Maria Alice Santos Ferraz (UESB/GEPES/Bolsista UESB)

Graduanda em Letras Vernáculas pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB); Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB) - Brasil; Grupo de Estudos e Pesquisa em Semântica (GEPES); Bolsista da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB); E-mail: mariaalicesferraz@gmail.com.

Adilson Ventura da Silva (UESB/PPGLin/ProfLetras/GEPES)

Doutor em Linguística pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP); Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB) - Brasil; Programa de Pós Graduação em Linguística (PPGLIN); Mestrado Profissional em Letras (ProfLetras); Grupo de Estudos e Pesquisa em Semântica (GEPES); E-mail: adilson.ventura@gmail.com.